

ENTRE AS DIMENSÕES “ESCONDIDAS” DO LETRAMENTO ACADÊMICO E OS PRESUMIDOS SOCIAIS DO GÊNERO ARTIGO DE PESQUISA NAS DIRETRIZES PARA AUTORES DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

BETWEEN “HIDDEN” FEATURES OF ACADEMIC LITERACY AND SOCIAL ASSUMPTIONS OF THE GENRE RESEARCH ARTICLE WITHIN AUTHORS’ GUIDELINES OF COMPUTER SCIENCE JOURNALS

Bruna Gabriela Augusto Marçal Vieira¹

RESUMO: O presente trabalho analisou textos de diretrizes para autores de seis periódicos em Ciência da Computação, com o objetivo de verificar a existência de dimensões “escondidas” do letramento, as quais podem ocultar informações relevantes para uma melhor elaboração dos textos de acordo com o esperado pelas revistas. A partir de uma análise etnográfica discursiva, a qual possibilitou a compreensão dos conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as práticas de letramento das revistas, alguns ocultamentos foram identificados e relacionados a presumidos sociais do gênero *artigo de pesquisa*. A análise revelou, dentre outras coisas, que os periódicos concentram as orientações, em grande parte, nos aspectos formais e estruturais do texto, deixando “escondidas” dimensões do letramento relacionadas a conteúdo, retórica e ideologia, por exemplo. Embasados por uma concepção de língua, texto e gênero que se aproxima à abordagem de ensino de escrita identificada por Lea e Street (1998) como *Socialização Acadêmica*, esses periódicos partem do presumido de que as especificidades do discurso acadêmico são únicas e transferíveis de gênero para gênero, independentemente dos eventos de letramento em questão. Assim, contam com um conhecimento do letramento acadêmico que pesquisadores menos experientes podem ainda não reconhecer, dificultando a iniciação desses novatos nas discussões acadêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento acadêmico; dimensões “escondidas” do letramento acadêmico; presumidos sociais dos gêneros do discurso; artigo de pesquisa; diretrizes para autores

¹ Licenciada em Letras (habilitação Português e Francês) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”. Possui mestrado em Linguística Aplicada, na área de concentração em Ensino e Aprendizagem de Línguas, pela mesma instituição, desenvolvido com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente é aluna de doutorado do programa de Estudos Linguísticos da UNESP, e desenvolve pesquisa na área de Linguística Aplicada, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - Processo N° 2015/11088-1). Email: brugabiguto@yahoo.com.br ou brunagabliela@gmail.com

ABSTRACT: This paper presents the analysis of texts of Authors' Guidelines of six Computer Science journals. The research aimed at verifying the existence of "hidden" features of academic literacy in the texts, which may hide relevant information to the production of papers according to what is expected by the journals. Through a discursive ethnographic analysis, which enabled us to understand the concepts of language, text and genre that grounds the literacy practices of the journals, some "hidden" features were identified and related to social assumptions of the genre *research article*. The analysis showed, among other things, that the journals center the guidelines, mostly, in formal and structural aspects of the text, failing to approach some literacy features, such as content, rhetoric and ideology. Based on a concept of language, text and genre, which is very similar to the Academic Socialization approach to teaching writing, identified by Lea and Street (1998), the journals depart from the social assumption that academic discourse specificities are the same for all academic genres. Thus, they count on some type of knowledge from the authors, which inexperienced researchers may not have yet, making it more difficult for these novices to engage in academic discussion in their field.

KEY-WORDS: Academic literacy; "hidden" features of academic literacy; social assumptions of discourse genres; research article; authors' guidelines

INTRODUÇÃO

Quando o assunto é escrita na universidade, certamente a primeira coisa que se pensa é em artigo de pesquisa. Embora o ambiente acadêmico seja constituído de diversos outros gêneros, orais e escritos, que se relacionam nas esferas institucional, pedagógica e científica, a grande necessidade de se publicar trabalhos acadêmicos força a todos os atuantes na academia a se preocuparem com a publicação do maior número possível de artigos. Conforme Clapham (2005), a publicação de artigos se consiste em uma prática fundamental para a atividade de pesquisa, uma vez que eles são "o fertilizante que estimula a ideia em outros pesquisadores (390)."² De fato, esta prática facilita a comunicação entre pesquisadores de todo o mundo, funcionando como uma engrenagem para o fazer científico. No entanto, mais do que uma forma de colaboração científica, a publicação acadêmica tem servido como um meio de mensurar a qualidade do trabalho dos pesquisadores, de maneira que um maior número de publicações representa uma maior produtividade.

A máxima *Publish or Perish* reflete adequadamente esta filosofia. A quantidade de publicação não é preocupação apenas dos pesquisadores. Universidades, agências de fomento e periódicos também são avaliados pela quantidade de publicações e de citações, colocando, dessa forma, ainda mais pressão para a publicação de artigos por parte dos pesquisadores. Esta grande necessidade de publicação não reflete, no entanto, o tamanho do interesse e investimento dispensado na preparação dos pesquisadores para a comunicação acadêmica, principalmente no Brasil. Poucos cursos de um número ainda menor de universidades brasileiras oferecem cursos de redação

² Tradução livre. No original: "They [publications] are the fertilizer [...] that stimulates ideas in other scientists" (CLAPHAM, 2005, p. 390).

acadêmica (ARANHA, 2009), e, quando oferecem, é possível que se dediquem ao ensino de formatação de textos, apenas, como verificado na disciplina *Metodologia Científica - Redação e Documentação Técnica* do curso de Bacharelado em Ciência da Computação de uma universidade pública paulista (VIEIRA, 2016).

Isto ocorre porque a herança de uma tradição estruturalista de ensino da escrita, definida como *modelo autônomo de letramento* por Street (1984), ainda fundamenta as práticas educacionais em nosso país, especialmente no Ensino Superior e em áreas outras que não da linguagem. É comum em áreas tecnológicas, como a da disciplina mencionada acima, que pesquisadores da própria área assumam as aulas de redação, pois há uma crença de que graduandos e pós-graduandos, após tantos anos de ensino de português nos ensinos fundamental e médio, devam saber escrever e que, portanto, é necessária apenas uma instrução a respeito da formatação dos textos que devem produzir no ambiente acadêmico. Este modelo autônomo de letramento, como bem explica Street, toma a escrita como uma habilidade cognitiva que, uma vez dominada, é facilmente reproduzida e adequadamente transferível de um contexto de uso ao outro.

A linguagem, enquanto prática social (BAKHTIN, 1981/1997), é fundamentalmente marcada pela presença do outro, portanto, como relembra Magalhães (2012a), a escrita também é uma prática social, situada em um contexto sócio-histórico e, assim, pode diferir “segundo a relação que se estabelece entre a dimensão discursiva e outras dimensões das práticas” (p. 28). Essas diferenças nos usos da linguagem, ainda pouco abordadas em nível universitário e, por conseguinte, pouco percebidas pelos alunos, são as principais responsáveis pela grande dificuldade que os pesquisadores iniciantes encontram em publicar artigos. Mais do que conhecimento de gramática e formatação de textos, é preciso, portanto, incluir nas aulas de redação acadêmica discussões sobre o que é a academia, sua cultura, sua prática e seu discurso (MOTTAROTH, 1999), de forma a evidenciar as especificidades do contexto que geram as especificidades nos usos da linguagem.

Lea e Street (1998), ao investigarem as diversas abordagens com que se dava o ensino de redação no ensino superior, verificaram a existência de dois tipos: Habilidades de Estudo e Socialização Acadêmica. O primeiro refere-se à abordagem descrita acima, e o segundo, andando em direção a uma abordagem para fins específicos (SWALES, 1990), reconhece o ambiente acadêmico como um local de práticas singulares, diferentes das da escola regular, e que, assim, possui um discurso próprio. O problema é que, segundo esta abordagem, há a existência de um “discurso acadêmico” o qual, uma vez compreendido, seria facilmente reproduzido em toda atividade de escrita acadêmica, inclusive entre disciplinas. Assim, considerando o papel social da escrita, os pesquisadores propõem uma abordagem chamada *Letramentos Acadêmicos*.

Segundo esta abordagem, a gramática e a cultura acadêmica no geral são tão importantes quanto a cultura da disciplina em específico. Questões institucionais, departamentais, políticas, econômicas e sociais refletem diretamente as práticas acadêmicas em cada disciplina e, conseqüentemente, as práticas orais e escritas. Aulas de redação acadêmica, portanto, devem sair do nível da frase e da formatação do texto e discorrer sobre as práticas de letramento, o que, como pontua Magalhães (2012b), demanda análise de poder. Segundo a autora, “a ideia de letramento implica

o estudo da escrita e seu contexto, não só seu contexto imediato, mas também e principalmente o contexto amplo, de cultura e sociedade, ideologia e poder" (161).

Os gêneros do discurso aparecem como uma maneira palpável de realizar este trabalho em sala de aula, pois, por meio do estudo dos gêneros, é possível aliar análise linguística-textual à contextual. Segundo Street (2010), o estudo de gêneros permite não só verificar padrões de discurso em áreas específicas, mas também e permite realizar pesquisas de diversos níveis, levando em consideração a variedade de textos e práticas que envolvem a escrita de universitários, de forma a compreender e dar o melhor suporte possível para este processo. Algumas das pesquisas apontadas pelo pesquisador são: análise do *feedback* de professores à escrita dos alunos e as suas implicações para o processo de construção de sentido e para questões de identidade; análise da natureza dos enunciados em trabalhos de alunos de mestrado e as implicações sobre como esses enunciados são elaborados para que os alunos os compreendam; análise da natureza textual de debates online de alunos e como os alunos integram esses debates em seus trabalhos etc. (p. 6).

Em seu trabalho com gêneros, Street (2010) propôs uma atividade para ser desenvolvida em sala de aula, a qual propõe a abordagem de aspectos envolvidos na produção e circulação do gênero, geralmente negligenciados durante o ensino de escrita. Ao lecionar uma disciplina de letramentos na Faculdade de Educação da Universidade da Pensilvânia, o pesquisador trabalhou com uma lista, elaborada inicialmente por ele e, posteriormente, em colaboração com os alunos, constituída de conceitos relacionados a critérios de avaliação de artigos de pesquisa. O objetivo era tentar abordar questões envolvidas no processo de avaliação dos artigos as quais costumam ser desconsideradas em aulas de escrita. Essas questões, chamadas pelo autor de "dimensões 'escondidas' do letramento", devem também ser de conhecimento dos alunos, para que eles produzam seus textos atentando-se a elas, e, assim, amentem suas chances de terem seus trabalhos publicados.

O texto do autor chama a atenção para questões relevantes que pouco têm sido abordadas por professores em aulas de letramento. Dentre elas está "voz", ou seja, a inserção da voz do autor e o grau de envolvimento com que escreve. Esta desconsideração, conforme Corrêa (2011), nem sempre é proposital, ou seja, não se trata de escolhas conscientes dos professores. Segundo o pesquisador, "a temática em que o gênero se inclui, o quadro institucional em que é produzido e as perspectivas que, de fora do texto, o orientam são fatores que podem, em parte, estar presumidos no gênero" (p. 344). Em outras palavras, é possível que professores tomem como já sabidas, ou como "presumido social", determinadas características do gênero. Por exemplo, o autor contesta a ideia de que a temática proposta para um texto, mesmo que por alunos de pós-graduação em determinada área do conhecimento, seja algo percebido por todos da mesma maneira. Para ele, "um tema pode ser anunciado e suposto como tratado, mas, a depender das implicações da temática maior em que se inclui, essa presunção pode não se cumprir explicitamente" (idem, ibidem).

Neste sentido, além das aulas de letramento no ensino superior, entra em foco periódicos científicos e as orientações que eles disponibilizam para os autores para a elaboração de artigos a serem submetidos. De maneira geral, todas as revistas submetem os artigos a uma avaliação entre pares, o que, para Clapham (2005), é outra vantagem relacionada à temática *Publish or Perish*. Segundo o autor, a análise

de pares é muito útil e contribui não só para a escrita acadêmica, mas também para as práticas de pesquisa de um pesquisador. O fato é que, apesar dos benefícios apontados pelo autor, a análise entre pares consiste em um grande obstáculo para a publicação e, neste caso, tanto para pesquisadores iniciantes quanto para os mais experientes. Isso porque, em sua maioria, os pareceristas são também pesquisadores, convidados pela revista para avaliarem os manuscritos dos colegas, o que significa uma multiplicidade de conceitos e práticas de letramento que tornaria difícil estabelecer um padrão de critérios de avaliação. Neste ínterim que se revela a importância das informações contidas nas *Diretrizes para Autores*. Presentes em todos os *websites* de todos os periódicos *online*, as diretrizes são responsáveis por informar os autores sobre as especificidades da revista e, assim, o que é esperado do texto a ser submetido.

Visando a contribuir para as pesquisas em letramento, especificamente para a melhor preparação de pesquisadores para a publicação de artigos, a presente pesquisa analisou as diretrizes para autores de seis periódicos da área de Ciência da Computação. As revistas escolhidas constavam com avaliação A1 da CAPES, que avalia a qualidade da publicação; e Q1 do SJR,³ que avalia seu fator de impacto. Ademais, todos aceitam publicação de universitários. O objetivo da análise foi verificar possíveis dimensões “escondidas” do letramento que podem vir a dificultar a escrita de artigos de acordo com o esperado pelas revistas. O foco da análise foi as informações a respeito dos direitos dos autores e políticas de autoria, bem como as orientações para a elaboração de manuscritos e os processos de submissão. A partir de uma análise etnográfica discursiva (CORRÊA, 2011), buscou-se i) identificar os conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as práticas de letramento das revistas e, portanto, as orientações oferecidas aos autores; e ii) investigar a existência de dimensões “escondidas” do letramento ao longo dessas orientações, e relacioná-las, com base nos conceitos previamente identificados, a presumidos sociais do gênero.

DIMENSÕES “ESCONDIDAS” DO LETRAMENTO E OS PRESUMIDOS SOCIAIS DOS GÊNEROS DO DISCURSO

A pesquisa apresentada no presente trabalho tem como principal aporte teórico o conceito de letramento, tal qual desenvolvido pelos Novos Estudos do Letramento (NEL). Fundamental para a compreensão deste conceito é a noção de linguagem como prática social e de dialogismo enquanto aspecto constitutivo da escrita. Komesu (2012) explica que essa noção de linguagem, desenvolvida por Bakhtin e seu ciclo de estudos em 1981, trata-se de uma concepção ideológica, uma vez que, recuperando Fiorin (2006 apud KOMESU, 2012), nosso discurso se relaciona diretamente com outros discursos, e não diretamente com as coisas. Conforme a autora, é essa relação entre os discursos que configura o dialogismo. Neste sentido, toda prática de escrita, e também de leitura, é igualmente dialógica, pois, como sinaliza a pesquisadora, “a produção de textos ou de enunciados nesse quadro é entendida como significativa,

³ Scientific Journal Rankings

numa significação que produz trabalho, no movimento entre sujeito, o outro e o contexto sociohistórico” (p. 80).

Esta perspectiva social do conceito de linguagem e texto escrito provocou inquietação em pesquisadores de diversas áreas, culminando em estudos e proposições de ensino diferentes do modelo tradicional desenvolvido até então. O conceito de letramento, que embasa este trabalho, é resultado dessas inquietações. Street (1984), interessado em investigar o modo como uma perspectiva social no tratamento da linguagem poderia acarretar mudanças nas formas de se ensinar letramento na sala de aula, deu início aos estudos dessa nova corrente teórica – os NEL.

A seguir, alguns dos conceitos principais desenvolvidos pelos NEL serão abordados, com o objetivo de traçar o entendimento sobre o que se trata o conceito de *dimensões “escondidas” do letramento* – objeto de investigação deste trabalho.

Modelo Autônomo de Letramento X Modelo Ideológico de letramento

O conceito de letramento, apoiado em uma concepção de linguagem como prática social e de interações escritas como uma atividade dialógica, abarca todo e qualquer uso que indivíduos de determinada comunidade façam da linguagem escrita, seja com objetivos de escrita ou de leitura. Neste sentido, Oliveira (2009) ressalta que o letramento consiste em um fenômeno social, pois cada comunidade possui diferentes padrões de letramento, os quais são influenciados por condições locais, tais como aspectos socioeconômicos, históricos, culturais, políticos e educacionais. Mas que também possui uma dimensão individual, uma vez que é utilizado por indivíduos que pertencem a determinadas comunidades, os quais possuem específicas histórias e experiências de vida.

Enquanto um fenômeno social, é possível afirmar que não há apenas um tipo de letramento, ou seja, um tipo correto de escrita e leitura, aplicável a toda situação de interação humana. É preciso que se fale, portanto, de *letramentos*, no plural, como bem propõem os NEL. Ademais, a dimensão individual dos letramentos evidencia a não imparcialidade no uso da linguagem escrita, isto é, ao escrever, toda a carga histórico-cultural do indivíduo, a qual constitui sua identidade, fundamenta escolhas, muitas vezes inconscientes, que determinam sua posição enunciativa, constituindo-o, assim, como o sujeito do discurso. Nesta toada, longe de serem práticas neutras, os letramentos são práticas sociais ideológicas, pois “servem a propósitos sociais na construção e troca de significados, formatam e são formatados pela cultura, sofrem interferência de posições ideológicas, podendo estas serem explícitas e implícitas, são dinâmicos à medida que são determinados por injunções de natureza econômica” (OLIVEIRA, 2010, p.329), bem como tecnológica, política e histórica.

Este conceito de letramento contraria a ideia de linguagem escrita enquanto sistema de códigos, apenas, e de aprendizagem de escrita como desenvolvimento de habilidades cognitivas, com base na qual o modelo tradicional de ensino, definido por Street (1984) como *modelo autônomo de letramento*, se desenvolveu. Segundo Street (2005), este modelo desconsidera questões culturais e ideológicas envolvidas nos usos da linguagem escrita, assim como questões que envolvem as escolhas por detrás deste modelo de ensino, tomando-o como neutro e universal. Conforme o autor, abordagens

de ensino que fazem uso deste modelo tentam, na verdade, impor conceitos ocidentais de letramento a outras culturas, isto porque, justificando o nome dado pelo pesquisador, o modelo autônomo de letramento deposita grande expectativa no domínio do código linguístico, com base na crença de que a alfabetização, por si só, autonomamente, levaria a um desenvolvimento cognitivo do aprendiz, o que, por sua vez, implicaria sujeitos mais inteligentes e, por conseguinte, um desenvolvimento socioeconômico da sociedade.

A contestação deste modelo de ensino de leitura e escrita no final do século XX partiu-se, justamente, da constatação de que este não surgia o efeito esperado, ou seja, mesmo passando anos na escola, submetidos a aulas e mais aulas de redação, os alunos chegavam à universidade e ao mercado de trabalho com “dificuldades” de leitura e produção de textos. Além do fato de que não havia ligações diretas entre alfabetização e prosperidade econômica. Assim, um novo modelo de ensino de escrita foi proposto pelos NEL. Sob o nome de modelo ideológico de letramento, Street (1984) advogou a favor da necessidade de mudar o antigo modelo de ensino de letramentos de modo a compreender melhor os textos nos seus contextos sociais e históricos.

A negação do modelo autônomo de letramento implica diferenças não só na forma como se ensina letramento, mas também na maneira como se avalia o desempenho dos alunos. Street (2012) explica que, ao negar à competência de escrita o caráter de habilidade cognitiva, refuta-se a ideia de que alunos que não conseguem produzir textos “corretamente” sofrem de limitações e dificuldades de aprendizagem. Além disso, o mito de que a alfabetização levaria ao progresso social também é negado. Segundo o autor, como não há um letramento único, autônomo, torna-se impossível se pensar em consequências dos letramentos que sejam as mesmas e intrínsecas a quem o domina. Há diversas práticas de letramentos, cujas consequências têm de ser especificadas em cada contexto.

Abordagens de ensino: Habilidade de Estudo, Socialização Acadêmica e Letramentos Acadêmicos

Esta nova perspectiva de compreender o letramento despertou o interesse de muitos pesquisadores da linguagem ao redor do mundo e do Brasil, culminando em novas pesquisas desenvolvidas a partir dos NEL. O foco dos trabalhos foi, inicialmente, nos ciclos iniciais do ano escolar, levando certo tempo para que as pesquisas de letramento alcançassem o ensino superior – contexto de interesse do presente trabalho. Mais recentemente, no entanto, as práticas de letramentos do ambiente acadêmico têm sido objeto de grande investigação, no Brasil e no exterior. Em contexto nacional, é relevante mencionar os trabalhos de Komesu (2012), Magalhães (2012a, 2012b), Tenuta e Oliveira (2012), Corrêa (2011), Oliveira (2009), Oliveira (2010) entre outros.

A esse respeito, Lea e Street (1998) conduziram uma pesquisa a fim de entenderem as abordagens de ensino de letramento desenvolvidas em duas universidades do sul da Inglaterra. Frente a mudanças que vinham ocorrendo no ensino de redação acadêmica no Reino Unido, os autores realizaram um estudo comparativo, investigando as práticas de ensino de uma universidade antiga e de uma nova. Como resultado, os autores verificaram dois tipos de abordagens de ensino: a primeira, que chamaram de

Habilidades de Estudo, cujos princípios e práticas a aproximam do modelo autônomo de letramento; e a segunda, que nomearam de *Socialização Acadêmica*.

Esta última, segundo a descrição dos autores, move-se em direção às práticas defendidas pelos NEL. Fundamentada, também, na escrita/leitura como prática social, compreende que as práticas de letramentos do ensino superior diferem-se daquelas dos anos escolares anteriores, e, por isso, devem ter suas especificidades trabalhadas com os alunos em sala de aula, não apenas no que se refere ao léxico específico, mas também no que se refere aos gêneros e sua estrutura textual e retórica. Entretanto, apesar dos avanços que essa abordagem representa em relação à abordagem de Habilidades de Estudos, os autores chamam a atenção para o fato de que o ensino com base nesta abordagem entende o ambiente acadêmico como uma única comunidade, cujas práticas de letramentos são semelhantes, independentemente da área. Neste sentido, esta abordagem ainda ignora aspectos cruciais dos letramentos que variam dentre as diferentes áreas de estudo.

Com base nos pressupostos dos NEL, os pesquisadores propuseram uma nova abordagem para o ensino da redação acadêmica. A abordagem de Letramentos Acadêmicos (ACLits) estaria preocupada não só com gramática, sintaxe e pontuação, ou apenas com vocabulário específico da área, registro acadêmico e formatação de textos. Considerando a grande importância de todos esses fatores, ACLits advoga a favor da necessidade de também abordar nas aulas questões relacionadas à construção de sentido, identidade, poder e autoridade dentro de contextos acadêmicos específicos. Conforme Street (2007), esta abordagem acredita que não só as práticas e os eventos de letramento nos quais os alunos se engajam fora da sala de aula, como também a própria aula e as atividades ali propostas, são influenciadas por relações de poder, epistemologias de disciplinas específicas e identidades dos alunos e dos professores, por isso, o objetivo da abordagem é facilitar a reflexividade/consciência linguística para a produção de textos socialmente reconhecidos.

Por meio da ACLits, busca-se proporcionar um ensino de letramento que permita aos alunos moverem-se de gênero para gênero, mudando seu estilo de escrita a depender do contexto em que estão, conscientes e capazes de lidar com os significados sociais que cada contexto evoca. Com isso, letrar-se academicamente (ou em outras esferas sociais) significa ter desenvolvidas habilidades para reconhecer os diferentes eventos de letramento, os gêneros que eles demandam, as pessoas ali envolvidas e as diversas relações (sociais e políticas) que os circundam, além de reconhecer como construir textos (em termos de língua, seleção de informação e organização retórica) que respondam às expectativas do público a que se dirigem, ao mesmo tempo em que servem bem ao propósito de quem os escreve. De maneira geral, é possível afirmar, conforme Ivanic (1998), que letrar-se academicamente envolve a construção de uma identidade, envolve se tornar certo tipo de pessoa.

Gêneros do discurso, uma perspectiva social

Entender as práticas de letramentos segundo o modelo ideológico e ensiná-las segundo a ACLits demandam a adoção de ferramentas de ensino que não negligenciem o caráter dialógico e o potencial transformador do texto. Os gêneros podem servir bem a este propósito.

O espanto de Candlin já era justificável em 1993 quando questionou o porquê de o termo “gênero” chamar a atenção de pesquisadores de áreas tão variadas quanto a de críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, especialistas em tradução automática, linguistas computacionais e analistas do discurso, além de ser do interesse de profissionais de diversas áreas como especialistas em Inglês para Fins Específicos, publicitários e especialistas em comunicação empresarial. Naquela época, há mais de 20 anos, o estudo dos gêneros já tinha grande interesse, e é possível dizer que este interesse vem crescendo, especialmente nas áreas de ciências da linguagem. É preciso lembrar, no entanto, que o termo não é usado em todas as áreas com a mesma conotação, com os mesmos interesses e com o mesmo embasamento teórico. É preciso, portanto, ao se trabalhar com os gêneros do discurso, localizar devidamente o conceito de gênero que se emprega e os objetivos educacionais/de pesquisa que se tem ao fazer uso de tal conceito.

Gêneros, como os NEL os compreendem, e na perspectiva que usamos neste trabalho, representam padrões discursivos, desenvolvidos socio-historicamente, por meio dos quais indivíduos engajados em determinadas práticas sociais criam sentido. Nas palavras de Hyland (2003, p. 21), são “modos abstratos e socialmente reconhecidos de usar a linguagem”.⁴ Como o autor explica, gêneros são construtos sociais porque é o contexto que delimita a criação, o uso e os padrões textuais dos gêneros. Necessidades de uso da língua em contextos específicos convencionalizam as formas com que os indivíduos se comunicam, e é a partir desse uso convencionalizado que, de acordo com o pesquisador, os indivíduos desenvolvem relacionamentos, estabelecem comunidades e fazem as coisas acontecerem.

Em contexto de ensino de letramentos, é impossível pensar na aprendizagem da leitura e da escrita sem a utilização de gêneros. Uma vez que toda interação humana se realiza por meio de gêneros, ensinar a comunicação escrita sem abordar os gêneros por meio dos quais ela ocorre é recorrer ao mesmo ensino estruturalista que o modelo autônomo de letramento pressupõe, preparando os alunos para o decodificar de letras em palavras e de palavras em parágrafos. O ensino com gêneros tem o potencial de empoderar os alunos para a manipulação da linguagem em contextos múltiplos, capacitando-os para a elaboração de textos socialmente reconhecidos e que sirvam adequadamente aos seus propósitos. Como afirmam Tenuta e Oliveira (2012), o conhecimento dos gêneros ao mesmo tempo em que é um artefato cultural modelador, é uma força libertadora, pois “insere o falante em uma comunidade linguística, legitimando sua participação nesta” (p. 317). No entanto, para realmente servirem a um propósito de empoderamento dos aprendizes, é preciso trabalhar com os gêneros de forma crítica, ou seja, não só promovendo o acesso dos estudantes aos discursos e aos gêneros de poder em contextos específicos, como também, segundo Hyland (2002), abordando maneiras de criticar essas práticas textuais e culturais.

Em contexto acadêmico e para os fins de publicação, o ensino de letramentos por meio de uma abordagem crítica no uso de gêneros pode contribuir significativamente para o sucesso dos alunos em terem seus trabalhos publicados. Entre a escrita,

⁴ Tradução livre. No original: “Genre refers to abstract, socially recognized ways of using language” (HYLAND, 2003, p. 21).

por parte do pesquisador, e a leitura do público-alvo, há um detalhado processo de análise do texto, por parte da revista/jornal/editora, o qual envolve questões sociais, institucionais, econômicas, políticas, culturais, históricas, teóricas, metodológicas e, por vezes, pessoais, que não podem ficar de fora das aulas. Elas são constitutivas do gênero e precisam ser de conhecimento dos alunos. Não podem ficar “escondidas”.

As dimensões “escondidas” do letramento e o presumido social dos gêneros do discurso

O domínio da produção de um gênero escrito tem sido difícil de alcançar apenas com aulas de letramento. Essa afirmação pode parecer desanimadora na medida em que desacredita, de certa maneira, a validade das aulas de redação em contexto acadêmico, por exemplo. Mas, o fato é que, por mais dialógica que a abordagem de ensino seja, há dimensões do gênero que têm permanecido “escondidas” nas aulas (STREET, 2010). Em 1999, Lillis pesquisou um fenômeno chamado “prática institucional do mistério.” Segundo a autora, a crença de que as convenções que regulam a escrita acadêmica são transparentes para todos os atuantes da comunidade acadêmica, inclusive para os alunos, leva à omissão proposital de determinadas convenções de escrita que os professores julgam já serem de conhecimento dos alunos. No entanto, mais recentemente, Corrêa (2011) afirmou que nem sempre essas omissões são propositas e que determinados aspectos do letramento permanecem ocultos devido a um fenômeno que intitulou “presumidos sociais”.

Partindo de Bakhtin/Voloshinov, Corrêa leva em consideração o caráter dialógico do discurso para compreender as razões desses ocultamentos nas aulas de redação. Segundo o autor, eles ocorreriam devido a presumidos sociais que acompanham o uso da linguagem na formulação de enunciados concretos e que atuam como presumidos sociais dos gêneros do discurso. Como explica Komesu (2012), para Voloshinov/Bakhtin (1926 apud KOMESU, 2012), o discurso verbal é claramente não autossuficiente, pois é diretamente vinculado à vida, sem a qual perde sua significação. Essa significação depende de um “conjuntamente sabido” e de um “unanimente avaliado” e, portanto, o enunciado real “traz à cena instância sociocultural mais ampla” (KOMESU, 2012, p. 314), que é o presumido. Assim, é possível relacionar esses ocultamentos nas aulas de letramento aos presumidos sociais dos gêneros, como o fez Corrêa, pois a ilusória sensação dos professores a respeito de um conjuntamente sabido pode levá-los a não abordar em sala de aula certas dimensões dos gêneros que para os alunos podem não ser tão óbvias.

Em 2000, Street já havia abordado a questão das dimensões “escondidas” do letramento. Em um capítulo de livro em que desafia o gênero e se recusa a escrever conforme os padrões retórico-discursivos esperados, Street traz diversos comentários a respeito do tema “Letramentos Acadêmicos”, respondendo a questionamentos e dúvidas (os quais ele não traz de forma devidamente marcada no texto) de leitores e alunos. Um dos comentários se refere às diversas vozes que temos de lidar ao produzir textos acadêmicos escritos. Segundo o autor, por mais que as aulas de letramentos oferecidas em contexto universitário devessem ajudar os alunos a desenvolverem esta habilidade, uma vez que é uma característica essencial do discurso acadêmico, esta tem sido uma dimensão dos letramentos que tem permanecido “escondida”, sendo motivo de críticas dos alunos. Como consequência desse ocultamento, “a variedade

torna-se um problema mais do que uma fonte de recursos, especialmente quando diferentes vozes não são apenas um ‘jogo’ para os alunos mas um aspecto central de sua personalidade e identidade” (p. 198).⁵

Retomando o tema das vozes no discurso acadêmico, Street (2010), em uma disciplina de Letramentos na Faculdade de Educação da Universidade da Pensilvânia, ao abordar o gênero *artigo de pesquisa*, desenvolveu uma atividade de sala de aula, na qual apresentou e discutiu com os alunos uma tabela elaborada por ele com critérios de correção de artigos de pesquisa, raramente abordados em sala de aula. O objetivo era trazer ao conhecimento dos alunos algumas dimensões do gênero que, por ficarem “escondidas”, são desconsideradas por eles em seu processo de produção textual, incorrendo, muitas vezes, na avaliação negativa do artigo. A discussão com os alunos culminou na reelaboração da tabela, com a adição de outros critérios também relevantes para a avaliação de manuscritos. Dentre eles estavam *voz e ponto de vista*.

Referente à primeira dimensão, o autor afirma que é preciso abordar com os alunos a forma como o escritor se posiciona no texto. Diferentemente do que se possa supor, e o que os alunos costumam ser levados a acreditar, a elaboração de um artigo não pressupõe a apresentação de dados de forma objetiva, como se eles tivessem sido coletados e analisados por si mesmos. Em vez disso, o escritor deve determinar quem ele é como um sujeito situado ao apresentar sua tese. E, referente à segunda dimensão, o autor explica que, mesmo em textos acadêmicos em que se alega neutralidade, o escrito posiciona-se por meio dos marcadores linguísticos que escolhe. É preciso, portanto, abordar essa questão com os alunos, para que selecionem os marcadores de forma consciente.

Fischer (2016), interessada em encontrar formas de evitar ou, ao menos, diminuir os casos de dimensões “escondidas” no ensino da redação acadêmica, realizou um estudo com alunos e professores de um curso de Engenharia de uma universidade portuguesa, no qual avaliou as potencialidades de uma abordagem de ensino baseada em “instrução aberta”⁶ em alcançar tal objetivo. Após um curso de 19 semanas, em que ofereceu um *workshop* sobre apresentação, outro sobre a escrita do relatório de pesquisa dos discentes, e um terceiro em que realizou sessões com professores e grupos de alunos a fim de verificar preocupações dos professores e as perspectivas dos alunos sobre sua própria escrita, a pesquisadora chegou à conclusão de que dimensões escondidas são inevitavelmente constitutivas das práticas de letramentos acadêmicos.

Segundo a pesquisadora, especialistas da área e professores geralmente sabem o que esperam das produções dos alunos mas,

- a) não estão acostumados a articular discursivamente esse conhecimento; b) pode ser que não esteja muito claro para eles a natureza desse conhecimento [...]; e c) a natureza ideológica das práticas de letramentos – isto é, o fazer de qualquer prática de letramento inevitavelmente envolve questões fundamentais de

⁵ Tradução livre. No original: “In the absence of explicitness, variety becomes a problem rather than a resource, especially when different voices are not just a ‘game’ to the student but a central aspect of their identity and personhood” (STREET, 2000, p. 198).

⁶ Instrução aberta é uma tradução livre para “overt instruction”. Segundo a autora, este tipo de instrução envolve a análise de necessidades dos alunos e criação de aulas específicas para atender a essas necessidades. Para maiores informações, ver Henderson & Exley (2012) e Gee (2002).

epistemologia (o que conta como conhecimento aqui e agora) e poder (quem pode decidir o que conta como conhecimento) mesmo se essa natureza ideológica do letramento não for reconhecida.⁷

Corroboramos dessa afirmação e acreditamos que, por mais “transparente” que seja a abordagem de ensino de letramentos que o professor adote em sala, procurando abordar qualquer dimensão que se possa pensar de um determinado gênero para uma determinada área, como o artigo de pesquisa para Ciência da Computação, por exemplo, ainda assim, a produção de exemplares do gênero e a aceitação do manuscrito para publicação pode ser um processo obscuro e incerto. Isto porque, este processo envolve diversas pessoas e, portanto, diversas visões de mundo, de língua, de texto, de discurso acadêmico etc., impossíveis de se prever e de se abordar em sala de aula.

A partir disso, é preciso que jornais e revistas especialistas, para onde destinam a maioria dos artigos de pesquisa produzidos em contexto acadêmico, devem também prezar pela “transparência” e incluir nas diretrizes para autores o maior número possível de informações a respeito do que, para o periódico, se consiste um artigo de pesquisa. Estas informações ajudam não só os autores a produzirem um texto conforme as regras sociais daquele evento, como também os pareceristas convidados a avaliarem os manuscritos tendo em mente os mesmos critérios.

A seguir, descreveremos com detalhes o processo de análise, sob uma perspectiva etnográfica discursiva (CORRÊA, 2011), das diretrizes para autores dos periódicos em Ciência da Computação referente às dimensões que permanecem “escondidas” e que podem atrapalhar os autores a terem seus trabalhos aceitos para publicação.

A PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA DISCURSIVA NA ANÁLISE DOS PERIÓDICOS

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise realizada em periódicos da área de Ciência da Computação a fim de evidenciar possíveis dimensões escondidas nas instruções dadas aos autores para a elaboração de artigos de pesquisa a serem submetidos. A perspectiva de análise baseia-se em Corrêa (2011) e, depositando um foco maior sobre os conceitos de língua, texto e gênero que embasam as práticas de letramento das revistas, verifica como possíveis presumidos sociais do gênero em questão, fundamentados por esses mesmos conceitos, podem causar o ocultamento de orientações relevantes aos autores nas diretrizes.

Nesta sessão serão apresentados os critérios de seleção dos periódicos, uma breve descrição de cada um deles e a perspectiva etnográfica discursiva de investigação.

Sobre o material de estudo

Ao todo, constam no corpus da pesquisa seis periódicos da grande área de Ciência da Computação (doravante CC), abrangendo três das quatro subáreas em que CC se

⁷ Tradução livre: No original: “a) they are not used to articulating such discursive knowledge; b) it may be that it is far from clear what the nature of the knowledge expected is [...] and c) the ideological nature of literacy practices—that is, the doing of any literacy practice inevitably involves fundamental issues of epistemology (what counts as knowledge here now) and power (who can claim what counts as knowledge) even though this ideological nature of literacy is not acknowledged” (FISCHER, 2016, p. 83).

divide: Teoria da Computação, Metodologia e Técnicas da Computação, e Sistemas de Computação.⁸ O quadro (1) apresenta o nome de cada um dos periódicos e sua(s) área(s) de concentração.

Quadro 1: Área(s) de concentração de cada revista constituinte do corpus da pesquisa

Periódico	Área(s) de concentração
Transactions on Intelligent Systems and Technology (TIST)	Teoria da Computação e Inteligência Artificial
Automática	Engenharia de Controle e de Sistemas, Engenharia Elétrica e Eletrônica
Bioinformatics	Matemática Aplicada, Bioquímica, Ciência da Computação Aplicada, Biologia Molecular, Matemática
The Journal of Statistical Software (JSS)	Software, Estatística e Probabilidade, Estatística, Probabilidade e Incerteza
Journal of Medical Internet Research (JMIR)	Informática para a saúde
Machine Learning	Inteligência Artificial e Software

Fonte: Scimago Journal & Country Rank (SJR)

Os critérios de seleção dos periódicos obedeceram a um único princípio: ser de grande interesse para graduandos e pós-graduandos. Para atender a esse princípio, portanto, o primeiro critério prezava pelo fator de impacto da revista. Em CC, este é o primeiro critério de avaliação de um periódico. Assim, para ser analisado, o periódico deveria apresentar avaliação Q1 pelo *Scimago Journal & Country Rank* (SJR). Este critério, embora relevante, resultou em centenas de periódicos passíveis de serem analisados. A fim de reduzir as possibilidades, o segundo critério prezava por uma alta avaliação por instituições e órgãos brasileiros; assim, buscamos por periódicos que, além de terem uma avaliação Q1, pelo SJR, também possuem avaliação A1, pela CAPES.

Quarenta e um periódicos atendiam aos dois primeiros critérios. Uma breve análise em cada um deles, investigando a relação conteúdo das diretrizes X editora, revelou que revistas publicadas pela mesma editora continham as mesmas informações. Assim, reduzimos a lista a apenas uma revista de cada editora, restando, no final, onze periódicos a serem analisados. Uma investigação mais atenta, buscando pela titulação mínima para autores, entretanto, revelou que nenhuma continha esta informação. Considerando que o interesse maior desta pesquisa está nos universitários, seria indispensável que a revista aceitasse publicação de não-doutores. Assim, um e-mail foi enviado aos editores de cada revista, questionando a esse respeito.

Apenas seis revistas responderam aos e-mails, informando que qualquer autor que escrever trabalhos inéditos e relevantes para a área de interesse da revista são bem-vindos a submeterem seus textos, inclusive universitários. Alguns editores informaram, inclusive, que não há se quer um questionamento sobre a titulação dos autores. Essas seis revistas constituem o corpus deste trabalho.

⁸ Não há um consenso quanto à quantidade, tampouco aos campos de interesse, em que se divide a grande área de CC. Para este estudo, adotamos a descrição das três maiores agências de fomento brasileiras, cuja divisão de subáreas e campos de interesse são correspondentes. A saber: FAPESP, CAPES e CNPq.

Sobre as revistas

Todas as revistas selecionadas possuem um sistema de submissão online e, portanto, diretrizes para autores facilmente acessíveis. Ademais, é recorrente encontrar no *site* das revistas informações referentes ao escopo da revista; direitos de autoria; política de privacidade; política de acesso aos conteúdos; políticas e valores para filiação, submissão e publicação de manuscritos; ética e boas práticas acadêmicas; artigos mais citados e artigos mais baixados; volume atual e volumes anteriores; instituições parceiras e quadro editorial. Ademais, todas possuem *links* de acesso às perguntas mais frequentes, ao fale conosco, ao sistema para submeter o artigo e ajuda para edição e tradução de textos para o inglês, uma vez que esta é a língua de submissão dos artigos.

Algumas revistas, no entanto, possuem uma gama maior de informações disponíveis a autores, leitores, pareceristas e editores, como é o caso das revistas cuja editora é renomada na área e é responsável por um grande número de periódicos. A revista TIST é um periódico norte americano, publicado pela ACM (*Association for Computing Machinery*) – uma associação com mais de 60 anos de história, dedicada à publicação de resultados de pesquisas em CC, com o objetivo de dar suporte às necessidades da comunidade de computação (pesquisadores, professores, alunos e profissionais). O *site* da revista trata-se de uma aba no endereço eletrônico da ACM e todas as informações são dispostas com *links* que levam a textos produzidos pela ACM para o funcionamento de todos os periódicos. Trata-se, portanto, de um *site* com muita informação para autores, leitores, pareceristas e editores. Esta é uma das poucas revistas que oferece diretrizes de avaliação de manuscritos para pareceristas, além de critérios de seleção de editores.

Localizada no Reino Unido, a revista Automática é publicada por outra grande editora, a Elsevier. Com mais de 3.000 periódicos, Elsevier também é responsável pelas informações e instruções encontradas em cada um deles. Além de informações e orientações a todos os envolvidos no processo de submissão, avaliação, editoração e publicação dos artigos, Elsevier também disponibiliza materiais em texto e vídeo, na forma de palestras, cursos online e artigos acadêmicos, destinados a ajudar autores no processo de elaboração dos textos. Há conteúdo destinado a desenvolver habilidades de escrita de artigos, a promover a compreensão sobre a importância do processo de revisão de pares e como lidar com o *feedback* dos pareceristas, a instruir os autores sobre como deixar os artigos interessantes para alcançar o maior número possível de leitores, e notáveis, de forma a conseguir apoio financeiro para a pesquisa, e sobre como agir eticamente no ambiente acadêmico e no processo de publicação. Esses materiais, infelizmente, não foram analisados nesta pesquisa, pois não se encontram presentes, nem em forma de *links* de acesso, na seção de diretrizes para autores, foco de análise desta investigação.

Também Britânica, a revista Bioinformatics é publicada pela BioMed Central e possui todo o seu conteúdo livre para o acesso, assim como todos os periódicos publicados por esta editora. Em consonância às revistas previamente descritas, todas as informações da revista estão ligadas à editora e estas se limitam a instruções, diretrizes e informações a autores e leitores, contendo pouquíssimo conteúdo destinado a pareceristas e/ou editores. Machine Learning é a última revista cujo funcionamento é padronizado aos interesses da editora. Localizada na Holanda e publicada pela Springer,

esta revista possui um fator de impacto de 2.404 pelo SJR, e um processo de análise de periódicos que leva cerca de 90 dias da submissão à primeira publicação online.

JSS e JMIR, norte-americana e canadense respectivamente, são publicadas pelas editoras FOAS (*Foundation of Open Access Statistics*), a qual trabalha única e exclusivamente com a JSS, e JMIR Publication, que possui outros 16 periódicos, todos interessados em medicina e computação. A navegação nesses sites é mais fácil, por não haver tantos *links* direcionando o usuário a novas páginas no endereço eletrônico das editoras. No entanto, é possível que, devido à quantidade de informações para autores, leitores, pareceristas e editores ser reduzida, haja vários casos de dimensões “escondidas”, principalmente relacionadas aos critérios de avaliação dos manuscritos.

Sobre a perspectiva de análise

A presente pesquisa, que se caracteriza como um estudo de caso de caráter qualitativo-interpretativista, teve como procedimento de análise de dados a perspectiva etnográfica discursiva (CORRÊA, 2011). Uma vez que a investigação tem como material de estudo textos produzidos pelas revistas especializadas aos possíveis autores, com o objetivo de orientar a elaboração e a submissão de seus manuscritos, a análise baseou-se nos textos apenas, e, portanto, não contou com a participação dos sujeitos que produziram tais textos. Esta escolha metodológica justifica-se tanto pelos princípios teóricos que embasam a pesquisa, quanto pelos objetivos por ela pretendidos.

Esta perspectiva trata-se de uma tentativa de Corrêa em aproximar a perspectiva etnográfica, tão cara aos NEL, à linguístico-discursiva. Tomando os dados etnográficos da produção dos textos como fatos do discurso simultâneos à formulação linguística, e não como dados que refletiriam uma determinação prévia ligada ao contexto situacional, a perspectiva etnográfica discursiva serve aos objetivos desta pesquisa na medida em que nos permite verificar as intertextualidades e as interdiscursividades presentes nos textos, as quais podem revelar os conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as diretrizes de produção textual destinada aos autores das revistas.

Komesu (2013) explica que esta perspectiva metodológica permite, pois, ao observar práticas discursivas registradas em textos, reconhecer “a complexidade de relações concretas que implicam interpelações e coerções não ditas que não são, necessariamente, percebidas como tais pelos sujeitos” (p. 314). Investigar possíveis dimensões escondidas nas diretrizes para autores das revistas significa levar em consideração possíveis presumidos sociais do gênero artigo de pesquisa, os quais podem levar os responsáveis pela revista a omitirem informações relacionadas à elaboração e circulação de tal gênero, consideradas já sabidas pelos autores. Nem sempre esses ocultamentos são intencionais, como afirma Corrêa, uma vez que os presumidos sociais são da ordem do inconsciente. Assim, a análise dos textos, sob a perspectiva aqui adotada, pode revelar mais sobre esses presumidos do que se captaria por meio de entrevistas com os editores das revistas.

O foco de análise da presente pesquisa será as informações a respeito dos direitos dos autores e políticas de autoria, bem como as orientações para a elaboração de manuscritos e os processos de submissão dos manuscritos, em busca de evidenciar os conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as práticas de letramento da revista. Esses conceitos, apreendidos e desenvolvidos pelo sujeito em sociedade, implicam

não só a produção de textos por parte das revistas, mas também as orientações para elaboração de manuscritos oferecidas por estas aos autores. O reconhecimento desses conceitos, portanto, possibilitará entender possíveis dimensões “escondidas” do letramento, presentes nas diretrizes para autores, relacionando-as a presumidos sociais do gênero *artigo de pesquisa*, que são, por sua vez, também embasados por tais conceitos.

AS DIMENSÕES “ESCONDIDAS” DO LETRAMENTO ACADÊMICO NAS DIRETRIZES PARA AUTORES DE PERIÓDICOS EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

Nesta sessão apresentaremos uma descrição das diretrizes para autores das seis revistas especializadas em CC. De maneira geral, o conteúdo dos textos será apresentado, seguido por uma análise etnográfica discursiva que busca pelos conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as práticas de letramento das revistas. Concomitantemente a isso, serão evidenciadas as dimensões “escondidas” do letramento encontradas ao longo dos textos analisados, as quais serão analisadas e relacionadas a presumidos sociais do gênero *artigo de pesquisa*, como tentativa de explicar, etnograficamente, tais ocultamentos.

Localização, formato e conteúdo dos textos

Em todas as revistas, as diretrizes para autores são facilmente encontradas já na primeira página do endereço eletrônico. Nas revistas TIST, JMIR e JSS elas aparecem com o nome de “*Author guidelines*”; na Automática, com o nome de “*Guide for Authors*”; Bioinformatics utiliza o nome de “*Submission guidelines*”; e Machine Learning identifica as diretrizes como “*Instructions for authors*”. Essa multiplicidade de nomes na identificação de textos dessa natureza já evidencia, de antemão, uma falta de padrão na produção desse gênero⁹.

O formato dos textos comprova esta afirmação. TIST, Automática e JMIR apresentam o texto dividido em tópicos, nos quais há uma breve explicação de cada tópico, com *links* variados que levam a outras páginas (das editoras ACM, Elsevier e JMIR, respectivamente), onde se pode encontrar informações mais completas. Bioinformatics apresenta apenas os tópicos e os *links*, ou seja, para o acesso a qualquer uma das informações de cada tópico é preciso acessar o *link*, o qual direciona o leitor ao texto completo presente no endereço eletrônico da editora (BMC). Machine Learning, por sua vez, apresenta todas as informações neste mesmo texto, o qual é também dividido em tópicos, e, portanto, não há *links* de acesso a outras páginas. JSS, diferenciando-se de todas as revistas, apresenta as informações como respostas às perguntas mais frequentes relacionadas à submissão de artigos. Também não há *links* de redirecionamento em nenhum lugar do texto.

O conteúdo do texto também diverge de revista para revista. Foram verificados apenas quatro assuntos recorrentes em todos os textos: direitos dos autores, políticas

⁹ Embora não tenhamos encontrado estudos que classifiquem “diretrizes para autores” como um gênero discursivo, o fato de se tratar de uma prática social, com claros objetivos comunicativos e utilizado por sujeitos com específicos papéis sociais em sua comunidade, leva-nos a compreendê-lo como um gênero acadêmico-científico.

de autoria, estilo dos textos¹⁰ e *link* para o endereço eletrônico por onde se realiza a submissão dos manuscritos. A maioria dos textos (4) traz informações a respeito do escopo da revista (facilmente encontrado também na página inicial do endereço eletrônico de todos os periódicos); categorias de submissão, ou seja, os gêneros por meio dos quais os autores podem compartilhar o resultado de suas investidas acadêmico-científicas; referências e citações; imagens e tabelas; e serviços de tradução e edição dos manuscritos. Metade dos textos (3) aborda a quantidade de páginas que cada exemplar de cada gênero deve conter; o tempo estimado para análise e publicação dos manuscritos; valores cobrados para inscrição no periódico, submissão, publicação e/ou acesso aos textos publicados; termos e condições para submissão; informações a respeito de abreviações, palavras-chave, artigos já publicados ou submetidos a outros periódicos, página do título, línguas para submissão, material suplementar; e *link* de contato para tirar dúvidas sobre elaboração e submissão dos textos.

Contribuindo ainda mais para a afirmação de que não há um padrão para a elaboração de textos do gênero, ainda a respeito do conteúdo dos textos das revistas analisadas, foi possível verificar que, em alguns textos (2), há informações a respeito da estrutura que artigos devem ter, ou seja, as diferentes seções do artigo, bem como subseções; de como estruturar resumos e agradecimentos; sobre conflitos de interesse, processo editorial e de avaliação dos manuscritos; de como proceder depois do aceite; sobre o envio e leitura do corpus da pesquisa; quantas cópias impressas os autores têm direito; transferência de manuscrito a outra revista cujo escopo se encaixa melhor à temática do artigo; *checklist* para submissão; e sobre política de privacidade. Ademais, TIST traz *links* para o acesso dos autores a representações dos autores, ou seja, a imagens que a revista gostaria que os autores tivessem do periódico; ao corpo editorial; à política de publicação; e informações a respeito dos tipos de avaliação a que os manuscritos serão submetidos, e sobre como promover a leitura do artigo. Automática aborda a submissão de *audioslides* junto ao manuscrito, biografia do autor e descarte de material. JMIR inclui no texto informações sobre cada parte do artigo, assim, também apresenta diretrizes para a formatação da introdução, da metodologia, dos resultados, da discussão e dos apêndices; além disso, explica sobre o processo de nomeação de pareceristas por parte dos autores e quais os direitos da revista sobre os manuscritos publicados. Bioinformatics é a única revista que traz nas diretrizes para autores *links* de acesso para as políticas editoriais e de avaliação por pares. JSS, com uma linguagem muito técnica, e abordando conteúdos também estritamente técnicos, destaca-se por disponibilizar informações sobre o uso de letras maiúsculas no título e no corpo do texto. E, por fim, Machine Learning é a única revista que traz informações a respeito das notas de rodapé, necessidade de autorização para o uso de imagens de autoria de outrem, responsabilidades éticas dos autores e transferência de direitos autorais.

Uma breve análise de outras páginas presentes nos *sites* das revistas e das editoras permite afirmar que a maioria de todas essas informações são disponibilizadas por todas as revistas, em seções nomeadas como “editores”, “pareceristas”, “arquivo” etc. Entretanto, como o objeto de estudo desta pesquisa é as diretrizes para autores, a análise, conduzida sob a perspectiva etnográfica discursiva, limitou-se ao conteúdo

¹⁰ Estilo refere-se ao formato eletrônico do texto: se em LaTeX, MSWord ou RTF; bem como orientações para formatação dos textos em cada formato eletrônico.

recorrente em todos os textos analisados, a saber: direitos dos autores, política de autoria, estilo dos textos e processo de submissão.

Os conceitos de Língua, Texto e Gênero que fundamentam as práticas de letramento das revistas

Todas as revistas analisadas apresentam grande preocupação com a formatação do arquivo a ser submetido, mais do que com estrutura, registro, conteúdo ou discursos neles vinculados. Essa afirmação se fundamenta a partir da verificação de que todas elas disponibilizam arquivos com informações a respeito de programas cujos formatos são aceitáveis, mas nem todas disponibilizam informações sobre estrutura e conteúdo, e nenhuma aborda registro e discurso.

Esses arquivos trazem conjuntos de comandos de alto nível usados na formatação de documentos apresentados em formato LaTeX, Word e RTF. Como pesquisadores em linguística, nossa experiência pessoal não nos foi suficiente para entender esses arquivos, assim, precisamos contar com a ajuda de um consultor,¹¹ especialista na área, para compreender o propósito social desses textos. Segundo o consultor, nesses textos são disponibilizados códigos computacionais a serem digitados no programa de forma com que a formatação do documento seja feita automaticamente. Assim, há códigos para cada parte do artigo, bem como para alguns conteúdos, como folha do título, resumo, tabelas etc. Dispondo desses códigos, o autor entra no programa, por exemplo, o LaTeX, e digita o texto junto aos códigos de comando, ao final, gera o arquivo em PDF para leitura, o qual já vem formatado de acordo com as especificações da revista. A imagem 1 apresenta um trecho do texto de um dos arquivos de uma das revistas analisadas.

Esse foco na linguagem computacional para a formatação dos textos permite inferir o conceito de texto que fundamenta as práticas de letramento da revista. A falta de informações que abordem os temas discurso e registro, aliada à intensa preocupação com espaçamento entre linhas e parágrafos, tipo de fonte e tamanho de letra, estilo de citação e referência revela uma visão estrutural de texto escrito, em que forma e estilo são primordiais e, por vezes, suficientes para gerar significados nos textos, mais do que função e conteúdo.

Essas informações, que não são disponibilizadas pelas revistas, aparecem como dimensões “escondidas” do letramento e que podem prejudicar os autores no processo de avaliação de seus manuscritos. Isso porque, embora não explicitados nas diretrizes para autores, são cobrados por pareceristas e editores das revistas. O editor da revista *Bioinformatics*, em conversa por e-mail, nos informou que um dos motivos pelos quais um manuscrito pode ser rejeitado pela revista é por não seguir padrões compartilhados pela comunidade, relevantes para a área de pesquisa. Esses padrões, que se referem a práticas de pesquisa, implicam padrões de compartilhamento dessas práticas os quais não são abordados nas diretrizes para autores, mas, segundo o editor, são cobrados pelos pareceristas e editores.

¹¹ Renan Guilherme Nespolo, mestre na área pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho.

Imagem 1 – Um trecho do Guia de Estilo LaTeX

2. THE TITLE PAGE**2.1. The Title, Author(s), and Abstract**

Following order is mandatory to generate a correct title page:

```

\documentclass{acmsmall}
    %\acmVolume{V}
    %\acmNumber{N}
    %\acmArticle{A}
    %\acmYear{YYYY}
    %\acmMonth{0}
    \markboth{}{}
    \title{}
    \author{...
        \affil{...}}
    \begin{abstract}
    ...
    \end{abstract}
    \category{}{}{}
    \terms{}\keywords{}
    \acmformat{}
    \begin{document}
    \begin{bottomstuff}... \end{bottomstuff}
    \maketitle

```

Fonte: *Association for Computing Machinery (ACM)*. Disponível em: <http://www.acm.org/publications/acm-latex-style-guide>

É possível afirmar que esse ocultamento aconteça devido a um presumido social de que, uma vez que o autor realizou a pesquisa em determinada área, este comunga dos padrões de pesquisa da comunidade e, portanto, está ciente dos padrões de compartilhamento dessas pesquisas. Entretanto, pesquisadores novatos podem ainda estar sendo iniciados nesses padrões de pesquisa e desconhecem parcial ou totalmente os padrões de compartilhamento de pesquisas, sendo importante, portanto, que as revistas abordem essa problemática, de modo a auxiliar esses pesquisadores a reconhecerem e a reproduzirem as práticas de pesquisas de sua área de atuação que lhes são cobradas. Como sugere Street (2010), é preciso tornar explícito alguns conceitos já reconhecidos e utilizados por pesquisadores da área na produção de artigo, pois podem não ser tão óbvios para alunos e pesquisadores iniciantes.

A análise desses arquivos com informações para a formatação dos textos, junto à análise de informações referentes aos tipos de contribuição de que os autores podem fazer às revistas, presentes nas diretrizes para autores de algumas revistas e em textos de outros “gêneros” de outras revistas, permitem ainda inferir outro conceito fundamental que embasa as práticas de letramento dos periódicos – o de gênero. Duas das revistas (TIST e Machine Learning) aceitam apenas artigos de pesquisa, justificando, portanto, a existência de apenas um tipo de arquivo para

formatação, no entanto, JMIR, Automática e JSS trabalham com a publicação de mais de um gênero, tais como tutoriais, resenhas de produtos, cartas ao editor, resenhas de livros, resenhas de *softwares*, mas tendem a apresentar apenas um arquivo com comandos para a formatação de manuscritos, com exceção da JSS, que também apresenta comandos para a formatação de resenhas de livros e *softwares*. Bioinformatics é a única revista que apresenta regras de formatação para cada um dos quatro gêneros com que trabalha.

Embora esses arquivos sejam em grande parte compostos por comandos computacionais para a formatação de textos, eles trazem algumas informações sobre conteúdo, especialmente no que se refere à estrutura do artigo de pesquisa, isto é, as partes que este deve conter e a ordem em que devem aparecer. Neste caso, é de se estranhar que as revistas JMIR, Automática e JSS ofereçam apenas um arquivo para formatação e estruturação de textos, referente à elaboração de artigos de pesquisa, sendo que estas aceitam também outros gêneros para submissão e publicação. A partir deste estranhamento, analisamos a forma como as revistas definem os diferentes gêneros com os quais trabalham, a fim de entender o porquê deste comportamento.

JMIR, em um texto intitulado “*Instructions for Authors*”, cujo link se encontra nas diretrizes para autores, informa que aceita onze “tipos de contribuições”, a saber: artigos originais, artigos reduzidos, pontos de vista, artigos consensuais, resenhas, tutoriais, relatos de caso, propostas, comentários, resenhas de livros, resenhas de software, protocolos de pesquisa, propostas de subsídios e carta ao editor.¹² Desses tipos de contribuições, é possível identificar ao menos seis gêneros: artigo de pesquisa, resenha, comentário, protocolo de pesquisa, proposta de subsídio e carta; cujos propósitos comunicativos são distintamente diferentes e, portanto, devem apresentar uma estrutura composicional e retórica e conteúdo específicos. No entanto, a revista parece entender cada um desses tipos de contribuições como o mesmo gênero, já que classifica todos sob o mesmo termo: “*paper*”, ou seja, trabalho acadêmico. Fundamentando esta informação, ao apresentar os tipos de contribuições, a revista o faz em forma de lista e nenhuma informação a respeito de seu propósito social ou conteúdo são dadas, apenas a quantidade de palavras esperadas em um artigo reduzido (1.500). Ademais, uma informação geral sobre conteúdo e estrutura dos *papers* é dada ao final da lista. Veja no quadro 2.

Quadro 2: Orientações gerais sobre a estrutura de manuscritos da revista JMIR¹³

[...] todos os trabalhos devem conter as seguintes seções: Resumo [...], Palavras-chave, Corpo do texto (veja abaixo para artigos originais), Agradecimentos, Conflitos de Interesse, Referências.

Fonte: Revista JMIR. Disponível em: <http://www.jmir.org/content/author-instructions#Format>

¹² Tradução livre. No original: “*original papers, short papers, viewpoints, consensus papers, reviews, tutorials, case reports, policy papers, commentaries, book/software reviews, research protocols, grant proposals and letter to the editor*”.

¹³ [...] all papers must contain the following sections: Abstract [...], Keywords, Main article body (see below for original articles), Acknowledgements, Conflicts of Interest, References.

Uma informação semelhante é dada pela revista Automática. Ao também listar os tipos de contribuições que os autores podem submeter à revista, a saber: artigos teóricos, artigos de pesquisa, artigos reduzidos, comunicações técnicas e itens de correspondência¹⁴ (em que se enquadram cartas ao editor e comentários sobre artigos publicados pela revista), o periódico informa que todos os manuscritos devem seguir a seguinte ordem: título, autores, afiliações, resumo, palavras-chave, texto principal, agradecimentos, apêndice e referências. Como a JMIR, portanto, a revista Automática prevê a mesma estrutura composicional para todos os textos de todos os gêneros, mesmo reconhecendo que cada um deles tem um propósito social diferente. Na frente de cada tipo de contribuição, é possível encontrar uma breve explicação sobre os objetivos comunicativos de textos do gênero, junto à quantidade máxima de páginas e de palavras esperadas. Artigos de pesquisa, por exemplo, são definidos como “discussões detalhadas envolvendo pesquisas, aplicações ou desenvolvimentos novos,”¹⁵ normalmente até 10 páginas ou 10.000 palavras; e comunicações técnicas como “novas ideias úteis e pequenos comentários pertinentes de natureza técnica,”¹⁶ normalmente até quatro páginas ou 4.000 palavras.

O fato de existir apenas um arquivo para a formatação de manuscritos a serem submetidos, mesmo existindo mais de um gênero com o qual as revistas trabalham, somado à orientação feita por cada revista referente ao conteúdo dos manuscritos, frisando que todos devem seguir a mesma estrutura, revelam uma visão de gênero próximo à abordagem de ensino de letramentos, definida por Lea & Street (1998) como *socialização acadêmica*. Segundo esta abordagem, é reconhecido diferenças sociais nos usos de textos escritos nas diferentes esferas de atividade humana, assim, na esfera acadêmica, os textos acadêmicos são usados com propósitos comunicativos específicos por pessoas dessa comunidade e, portanto, possuem uma configuração distinta de textos usados no comércio, por exemplo. No entanto, este modelo ainda ignora diferenças existentes entre os diferentes gêneros acadêmicos. Diferenças de propósitos comunicativos, contexto de produção, questões políticas, papéis sociais dos envolvidos etc. que culminam em diferenças linguístico-textuais. Assim, este modelo, tal qual fazem as revistas, acredita que as especificidades do discurso acadêmico são transferíveis de gênero para gênero.

Esta visão de gênero, como estrutura linguístico-textual das diferentes comunidades de prática, é comungado, portanto, pela revista JSS, que também possui apenas dois textos diferentes para a formatação de cinco gêneros com os quais trabalham; e pela TIST que, em seu texto para formatação, informa que a digitação do corpo do texto tende a ser feita como o é em *textos comuns* (não acadêmicos), com exceção de listas, teoremas, algoritmos e programas. Esta informação revela, portanto, a diferenciação e, por conseguinte, generalização, dos gêneros acadêmicos, em oposição a textos de gêneros que circulam em outras esferas sociais.

¹⁴ Tradução livre. No original: “survey papers, papers, brief papers, technical communiqués, correspondence items”.

¹⁵ Tradução livre. No original: “Detailed discussion involving new research, applications or developments”.

¹⁶ Tradução livre. No original: “New useful ideas and brief pertinent comments of a technical nature”.

Apesar desta visão de gênero dificultar o trabalho de autores que desejam submeter a essas revistas textos correspondentes aos variados gêneros com quais elas trabalham, é preciso frisar que, para a submissão de artigos de pesquisa, que é o foco de interesse da presente pesquisa, os autores encontram uma vantagem, já que os arquivos de formatação são para este gênero. Entretanto, ainda assim é possível encontrar dimensões “escondidas” dos letramentos nesses guias de formatação (como são chamados). Ainda que se dediquem apenas à formatação e à apresentação do conteúdo dos manuscritos, a parte mais importante do texto, chamada de “*main article body*” pela JMIR e “*main text*” pela Automatica, não é, por esta última, detalhadamente descrita. O que JMIR descreve como “*main article body*” inclui introdução, método/metodologia, resultados e discussão, seções em que os diferentes estágios da pesquisa são narrados e cujo conteúdo implica diretamente o aceite ou a recusa do trabalho. Segundo informações do editor da revista *Bioinformatics*, o que sua revista busca nos artigos são estudos cientificamente válidos, o que inclui perguntas de pesquisa cientificamente interessantes e o uso de métodos de coleta e análise de dados apropriados. Essa informação, no entanto, como visto, não está disponível nas diretrizes da revistas em questão e em nenhuma das outras analisadas.

Este ocultamento pode também ser explicado com base em presumidos sociais do gênero. Uma vez que artigos de pesquisa relatam todos os estágios da pesquisa, é de se esperar que se coloque na introdução as perguntas de pesquisa, seguida da metodologia de coleta de dados e por fim a análise e discussão dos mesmos. No entanto, como argumenta Fischer (2016), comumente há lacunas na compreensão e expectativas de escritores experientes e novatos (professores e alunos, no caso da pesquisa da autora, respectivamente) sobre as formas e normas que governam os gêneros. Assim, ainda que pareça óbvio, é interessante que as revistas deixem explícitas essas dimensões do letramento, não só no que diz respeito à formatação, estrutura e conteúdo dos textos, como também no que se refere aos propósitos sociais e aos discursos esperados pelas revistas, de modo a facilitar a inserção dos jovens pesquisadores na comunicação acadêmico-científica.

Finalizando a análise, descreveremos como as informações referentes às políticas de autoria, aos direitos dos autores e às citações e referências nos permitiram inferir o conceito de língua escrita que fundamenta as práticas de letramento das revistas. De uma maneira geral, é possível afirmar que os periódicos fundamentam suas práticas em um conceito de língua escrita como prática social, uma vez que se classificam como um instrumento mediador da comunicação acadêmico-científica. Ademais, todas as revistas dedicam-se a discutir os direitos dos autores e as políticas de autoria, especialmente sobre os processos de compartilhamento e citação dos trabalhos publicados pelas e nas revistas, evidenciando uma consciência sobre o caráter social da escrita. O problema é que, mesmo apoiadas em uma perspectiva social de língua escrita, a maioria das revistas limitam suas orientações aos autores sobre a elaboração de citação e referências a aspectos formais, ou seja, à formatação do texto.

Como exceção, a revista *Bioinformatics* apresenta um *link* nas diretrizes para autores que leva às políticas editoriais da revista onde se encontra um texto sobre como agir com relação a citações. Embora seja um texto prescritivo, que, na forma imperativa, informa o que o autor deve e não deve fazer, sem problematizar as questões, esta revista

avança um pouco mais na descrição das dimensões dos letramentos que espera que os autores sigam, evitando tantos ocultamentos, como acontece nos outros periódicos. Nesta página da revista, é possível encontrar as orientações dispostas no quadro 3.

Quadro 3: Orientações da revista *Bioinformatics* para a utilização de citações nos manuscritos¹⁷

- Qualquer sentença no texto que se baseie em fontes externas de informação (isto é, que não se baseie em novas ideias dos próprios autores ou em achados e conhecimentos do senso comum) deve ser seguida por citação;
- Autores devem evitar citar derivações de trabalhos originais. Por exemplo, devem citar o trabalho original ao invés de um artigo de revisão que cite o trabalho original;
- Autores devem certificar-se de que as citações estão corretas (isto é, devem certificar-se de que a citação dá suporte à sentença escrita no manuscrito e não devem representar de maneira equivocada outro trabalho, citando-o em casos em que a citação não dá suporte ao argumento que os autores desejam desenvolver);
- Autores não devem citar fontes que eles não leram; não devem preferencialmente citar seu próprio trabalho ou de seus amigos, de seus pares ou de publicações da instituição em que atuam.
- Autores devem evitar citar trabalhos de apenas um país;
- Autores não devem usar um número excessivo de citações para dar suporte a apenas um argumento;
- Idealmente, autores devem citar fontes que passaram por avaliação entre pares sempre que possível;
- Autores não devem citar propagandas ou material propagandístico.³

Fonte: Revista *Bioinformatics*. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/getpublished/editorial-policies#citations>

É possível perceber, com base nessas orientações, a quantidade de variáveis que podem estar em jogo na análise de um manuscrito, apenas no que se refere ao processo de citação e de elaboração das referências. Estas variáveis são também dimensões do letramento que permanecem “escondidas” nas diretrizes para autores de todas as revistas, com exceção da *Bioinformatics*, e que podem, portanto, configurarem-se como barreiras na elaboração de manuscritos por parte de qualquer autor, sejam pesquisadores iniciantes ou mais experientes, já que fazem parte dos critérios de análise dos pareceristas, mas não são disponibilizadas para o conhecimento dos autores.

¹⁷ Tradução livre. No original: “- Any statement in the manuscript that relies on external sources of information (i.e. not the authors’ own new ideas or findings or general knowledge) should use a citation; - Authors should avoid citing derivations of original work. For example, they should cite the original work rather than a review article that cites an original work; - Authors should ensure that their citations are accurate (i.e. they should ensure the citation supports the statement made in their manuscript and should not misrepresent another work by citing it if it does not support the point the authors wish to make); - Authors should not cite sources that they have not read; Authors should not preferentially cite their own or their friends’, peers’, or institution’s publications; - Authors should avoid citing work solely from one country; - Authors should not use an excessive number of citations to support one point; - Ideally, authors should cite sources that have undergone peer review where possible; - Authors should not cite advertisements or advertorial material”.

Esses ocultamentos são também justificados por presumidos sociais do gênero do discurso. O processo de citação é item elementar das boas práticas acadêmicas e, portanto, tende a ser abordado por toda disciplina de metodologia científica. Assim, é tomado como sabido, inclusive por pesquisadores iniciantes, informações a respeito de quando e como citar. Entretanto, como verificado nas diretrizes para citação da *Bioinformatics*, nem todas as orientações referem-se às especificidades do discurso científico de que falam Delcambre e Lahanier-Reuter (2015), tais como a terceira, por exemplo, que preza pela importância de a citação ser fidedigna às ideias defendidas pelo autor para que a citação garanta, de fato, os direitos autorais do mesmo. Muitas das orientações, assim como tudo o que se refere à linguagem, demarcam posições ideológicas das revistas, como evidenciado na orientação de número seis: evitar citar trabalhos de apenas um país. Assim, ainda que todos os autores dominassem os processos de citação no discurso acadêmico, continuaria a ser necessária uma explicitação das dimensões do letramento no que se refere a esse respeito, de modo a assegurar que autores, pareceristas e editores comunguem do maior número de especificidades esperadas para a comunicação escrita naquele evento de letramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos referentes aos direitos dos autores, políticas de autoria, estilo dos textos e processo de submissão de manuscritos presentes nas diretrizes para autores de seis revistas de CC revelou ocorrências de dimensões “escondidas” do letramento, cujas razões debruçam-se em presumidos sociais do gênero *artigo de pesquisa*, evidenciados, na presente pesquisa, a partir de uma análise etnográfica discursiva dos textos, a qual revelou os conceitos de língua, texto e gênero que fundamentam as práticas de letramento das revistas, bem como as orientações dadas aos autores e os presumidos sociais que levam a tais ocultamentos.

Verificamos que, embora as revistas possuam uma visão social de língua escrita, possuem uma visão estrutural de texto que, apesar de servirem a propósitos sociais, caracterizam-se por convenções linguísticas específicas da esfera de atividade humana em que circulam, as quais são compartilhadas todos os textos de todos os gêneros daquela esfera. Essa visão de língua, texto e gênero se assemelha à abordagem de ensino de letramento, identificada por Lea e Street (1998) como *socialização acadêmica*, o qual ignora as diferenças entre as práticas sociais e as práticas de letramento dentro de uma esfera específica, como a acadêmico-científica, e, portanto, acredita na existência de um discurso acadêmico único que é transferível a todos os gêneros.

Essa visão de letramento fundamenta determinados presumidos sociais que levaram ao ocultamento de diversas orientações nas diretrizes analisadas. Tais dimensões “escondidas” do letramento podem ser a causa de um número tão alto de reprovação de manuscritos por parte das revistas. Isto porque, como evidenciado nesta pesquisa, esses ocultamentos impedem que autores e parecerista tenham em mente as mesmas expectativas sobre o que seja um bom artigo de pesquisa, digno de ser aceito por aquela revista para ser publicado.

Segundo o editor da revista *Bioinformatics*, o número de manuscritos rejeitados varia de ano para ano, mas estima-se que cerca de 50% das submissões são reprovadas.

Quando se olha para a revista TIST, os números são ainda mais assustadores. Segundo o editor da revista, seu último relatório revelou que apenas 19% dos manuscritos submetidos foram aprovados. Para melhorar esses números, é preciso que as revistas explicitem ao máximo as orientações para a elaboração dos manuscritos, não só no que se refere à formatação e à estrutura dos artigos, mas também no que diz respeito ao conteúdo, retórica e discursos esperados/aceitáveis. É preciso também que essas explicitações abarquem questões ideológicas das revistas, que são impossíveis de prever, ajudando pesquisadores novatos e experientes a antecipar o que se espera deles na comunicação acadêmica naquele evento de letramento específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, S. The development of a genre-based writing course for graduate students in two fields. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; DE CARVALHO FIGUEIREDO, D. (org.). **Genre in a changing world**. X ed. Santa Barbara, CA: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2009, pp. 465-482.
- BAKHTIN, M.M. **The Dialogic Imagination**. Austin: University of Texas Press, (1981)1997.
- CANDLIN, C.N. Prefácio a Bhatia. In: BHATIA, V. **Analysing genre: language in professional settings**. London: Longman, 1993.
- CLAPHAM, P. Publish or perish. **BioScience**, v. 55, n. 5, pp. 390-391, 2005.
- CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 4, pp. 333-356, 2011.
- DELCAMBRE, I.; LAHANIER-REUTER, D. Discurso de outrem e letramentos universitários. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J. A. (org.). **Letramento e formação universitária: formar para a escrita e pela escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2015, pp. 225-250.
- FISCHER, A. "Hidden Features" and "Overt Instruction" in academic literacy practices: a case study in engineering. _____. **Working With Academic Literacies: Case Studies Towards Transformative Practice**. Local: Editora, 2016, pp. 75-85.
- GEE, J.P. New times and new literacies. In: VARNAVA-SKOURA, G., KALANTZIS, M.; COPE, B (eds). **Learning for the future: New worlds, new literacies, new learning, new people**, Australia: Common Ground Publishing, 2002, pp. 59-83.
- HENDERSON, R.; EXLEY, B. Planning for literacy learning. In: HENDERSON, R. (Ed.). **Teaching literacies: Pedagogies and diversity in the middle years**, South Melbourne, Vic: Oxford University Press, 2012, pp. 19-51.
- HYLAND, K. Genre: Language, context, and literacy. **Annual review of applied linguistics**, v. 22, pp. 113-135, 2002.
- _____. Genre-based pedagogies: A social response to process. **Journal of Second Language Writing**, v.12, pp. 17-29, 2003.
- IVANIČ, R. **Writing and Identity: The discursual construction of identity in academic writing**. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- KOMESU, F. Letramentos acadêmicos e multimodalidade em contexto de EaD semipresencial. **Scripta**, v. 16, n. 30, pp. 75-90, 2012.
- _____. Concepção (ões) de texto em contexto de EaD semipresencial. **Filologia e Linguística Portuguesa**, pp. 305-333, 2013.
- LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: An academic literacies approach. In: _____. **Studies in Higher Education**, Abingdon, Oxon, UK, v. 23, n. 2, 1998, pp. 157-172.
- LILLIS, T. Whose 'Common Sense'? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. **Students Writing in the University: Cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. pp. 127-140.

- MAGALHÃES, I. Letramento, intertextualidade e prática social crítica. In: _____. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2012a, pp. 17-68
- _____. Letramentos e identidades no ensino especial. In: _____. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2012b, pp. 159-194
- MOTTA-ROTH, D. A importância do conceito de gêneros discursivos no ensino da redação acadêmica. **Intercâmbio**, vol VIII, pp. 119-128, 1999.
- OLIVEIRA, E. F. Letramento Acadêmico: principais abordagens sobre a escrita dos alunos no ensino superior. **II Encontro Memorial do ICHS**, pp. 1-10, 2009.
- OLIVEIRA, M. do S. Gêneros textuais e letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 2, pp. 325-345, 2010.
- STREET, B. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: CUP, 1984.
- _____. Academic Literacies. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. **Students Writing in the University: Cultural and Epistemological Issues**. London: John Benjamins Publishing Company, 2000, pp. 193-199.
- _____. Literacies across education contexts. Philadelphia: Castlon Publishers, 2005.
- _____. Academic Literacies and the 'New Orders': implications for research and practice. **Debates in Higher Education Seminar**, UCL Centre for the Advancement of Learning and Teaching. 04/12/2007.
- _____. Tradução: Armando Silveiro. Dimensões "escondidas" na escrita de artigos acadêmicos. **Perspectiva**, v. 28, n. 2, pp. 541-567, jul./dez. 2010.
- _____. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2012, pp. 69-92
- SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TENUTA, A. M.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Livros didáticos e ensino de línguas estrangeiras: a produção escrita no PNLD-2011/LEM. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, pp. 315-336, 2012.
- VIEIRA, B. G. A. M. A disciplina Metodologia Científica – Redação e Documentação Técnica e a promoção do letramento acadêmico de graduandos em Ciência da Computação: uma análise qualitativa. **5º CIAIQ**, v. 1, pp. 662-671, 2016.